

UNILEÃO  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CICERO FILIPE DOS SANTOS DA SILVA

**OS IMPACTOS DOS ESTEREÓTIPOS E PRECONCEITOS DE GÊNERO NA  
SAÚDE MENTAL DA MULHER IDOSA**

JUAZEIRO DO NORTE - CE

2024

CICERO FILIPE DOS SANTOS DA SILVA

**OS IMPACTOS DOS ESTEREÓTIPOS E PRECONCEITOS DE GÊNERO NA  
SAÚDE MENTAL DA MULHER IDOSA**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

**Orientadora:** M<sup>a</sup> Larissa Maria Linard Ramalho

JUAZEIRO DO NORTE - CE

2024

CICERO FILIPE DOS SANTOS DA SILVA

**OS IMPACTOS DOS ESTEREÓTIPOS E PRECONCEITOS DE GÊNERO NA  
SAÚDE MENTAL DA MULHER IDOSA**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 02/12/2024

**BANCA EXAMINADORA**

Orientadora: M<sup>a</sup> Larissa Maria Linard Ramalho

Membro: Me. Joel Lima Junior

Membro: Me. Tiago Deividly Serafim

JUAZEIRO DO NORTE - CE

2024

# OS IMPACTOS DOS ESTEREÓTIPOS E PRECONCEITOS DE GÊNERO NA SAÚDE MENTAL DA MULHER IDOSA

Cicero Filipe dos Santos da Silva<sup>1</sup>  
Larissa Maria Linard Ramalho<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente artigo analisou, a partir da literatura, os possíveis impactos dos estereótipos e dos preconceitos de gênero na saúde mental da mulher idosa, investigou-se assim, a maneira com que estas construções sociais afetam na construção e no trilhar das rotas de vida destas mulheres, o que impacta diretamente em sua qualidade de vida. Compreendeu-se que, embora tenham ocorrido transformações na configuração dos espaços e ambientes sociais – de modo a proporcionar mais oportunidades de inserção e participação mais ativa das mulheres, ainda existem muitos obstáculos nesse novo cenário, o que é observado pela desvalorização salarial feminina. Diante da desigualdade social advinda desse processo, é possível notar marcas sociais do machismo e do patriarcalismo, restringindo as mulheres a funções domésticas e de cuidado, posição essa que ainda costumam ocupar até mesmo ao atingir uma idade mais avançada. O método utilizado para realização da pesquisa foi uma pesquisa bibliográfica, de caráter descritivo e de cunho qualitativo, objetivando observar a qualidade da saúde mental da mulher idosa diante das construções sociais ligadas a sua imagem e aos papéis sociais que desempenha em sua jornada de vida. Por fim, em relação aos resultados, percebeu-se que, além de uma mudança nessa configuração social, deve haver um suporte que proporcione a estas mulheres condições para se (re)descobrirem para além daquilo que lhes é imposto.

**Palavras-chave:** Papéis sociais. Gênero. Saúde Mental. Pessoa Idosa. Etarismo.

## ABSTRACT

This article analyzed, based on literature, the possible impacts of gender stereotypes and prejudices on the mental health of elderly women. It investigated how these social constructs affect the development and trajectory of these women's life paths, which directly impacts their quality of life. It was understood that, although transformations have occurred in the configuration of social spaces and environments – in order to provide more opportunities for insertion and active participation of women – there are still many obstacles in this new scenario, as seen in the undervaluation of women's wages. In light of the social inequality stemming from this process, it is possible to observe the social marks of machismo and patriarchy, which restrict women to domestic and caregiving roles, a position they still tend to occupy even as they reach older ages. The method used to conduct the research was a bibliographic study, with a descriptive, qualitative data approach, aiming to observe the mental health quality of elderly women in light of the social constructs related to their image and the social roles they play throughout their life journey. Finally, regarding the results, it was noted that, in addition to a change in this social configuration, there should be support that provides these women with conditions to (re)discover themselves beyond what is imposed on them.

**Keywords:** Social roles. Gender. Mental health. Elderly person. Ageism.

---

<sup>1</sup>Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: filipp.santoss@hotmail.com

<sup>2</sup>Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: larissaramalho@leaosampaio.edu.br

## 1 INTRODUÇÃO

No presente estudo, buscou-se trabalhar certos elementos sobre a complexa vivência do sujeito enquanto idoso, focando no modo como a saúde mental da mulher idosa é afetada pelos estereótipos e preconceitos ligados à velhice e ao feminino. Com o avançar da idade cronológica, o sujeito passa por diversas mudanças, tanto fisiológicas como em sua vivência social, que enfrentará desafios diante das limitações e questões de saúde que irão evocar a necessidade de adaptações em seu estilo de vida (Freitas *et al*, 2018). Diante disso, o indivíduo muitas vezes tem que se reinventar a depender da realidade em que vive, podendo, inclusive, precisar enfrentar um processo complicado de reorganização de seus papéis sociais, que pode acabar trazendo prejuízos a sua saúde mental.

Ademais, para conseguir compreender e se adaptar a suas novas condições e limitações físicas e mesmo assim poder explorar possibilidades de vida na velhice, a mulher idosa precisa, muitas vezes, de ajuda para tal, onde o auxílio familiar e/ou social desempenham um papel vital, uma vez que a rede apoio é composta de figuras de referência cuja relação mantida pode servir de suporte essencial para que o(a) idoso(a) consiga atravessar essas turbulências e desafios da melhor forma possível. Por isso, buscando compreender situações complexas que se apresentam para a mulher durante o seu vivenciar dessa fase da vida, foi então colocado em pauta “Como estereótipos e preconceitos ligados ao feminino e à velhice afetam a saúde mental da mulher idosa?”.

Com o intuito de evitar invisibilizar as diversas identidades que compõem o público idoso dentro de um único perfil, as situações serão desenvolvidas a partir do contexto brasileiro. Dessa forma, serão trabalhados os impactos sofridos pela mulher idosa, assim como o manejo por parte do idoso diante das condições supracitadas. Toda esta aprofundação no processo de envelhecimento da pessoa idosa foi trazida como foco deste artigo com o intuito de aproximar ainda mais essa pauta tão importante dos alunos e estudiosos da psicologia, além de contribuir com o discorrimento dessa pauta a partir da realidade do nosso país.

A presente pesquisa também buscou trazer como contribuição social o aumento da visibilidade, do público idoso e da vastidão e complexidade que é o processo de passagem por esse estágio da vida, de modo que ajude a quebrar ideias reducionistas direcionadas à imagem do sujeito idoso, tanto por parte da população em geral como da própria família do(a) idoso(a). Por fim, essa temática foi escolhida a partir da emergência da necessidade de aprimorar a compreensão pessoal sobre as complicações e repercussões que atravessam este

último estágio da vida, uma vez que se procurou alcançar um entendimento mais apurado sobre o envelhecer que sirva de base para um processo mais facilitado de preparação para a chegada nessa fase derradeira, além de promover uma ampliação da visão que se tem deste período da vida.

O objetivo principal da presente pesquisa consistiu na análise, a partir da literatura, dos possíveis impactos dos estereótipos e preconceitos ligados aos papéis de gênero e ao etarismo na saúde mental da mulher idosa, tendo como objetivos específicos, respectivamente, abordar o significado e o uso cotidiano dos conceitos de estereótipos e preconceitos, compreender as concepções construídas a respeito dos papéis sociais da mulher idosa e finalizando por apresentar como tais questões afetam a saúde mental das idosas. Sendo assim, essa pesquisa descritiva teve o intuito de investigar os fatores psicossociais, relacionados à imagem e aos papéis da mulher idosa, que impactam na saúde mental dessa parcela da população.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 METODOLOGIA**

O processo de construção desta pesquisa seguiu um delineamento descritivo, utilizando-se de métodos qualitativos. A partir da revisão bibliográfica, foi aprofundada a compreensão a respeito da forma com que os estereótipos e preconceitos geracionais e de gênero afetam a saúde mental da mulher idosa, no intuito de tentar compreender como se constrói o perfil de uma mulher idosa, analisando os fatores que atravessam esse processo e assim ampliando a visão que se tem sobre a velhice feminina. Tendo isso em vista, o estudo realizado seguiu o viés de uma análise descritiva, para assim poder alcançar uma ampliação das ideias tidas a respeito do tema, uma vez que esse estilo de abordagem possibilita estudar mais a fundo a natureza das relações existentes entre os diferentes fatores que permeiam o objeto de estudo (Gil, 2018).

No levantamento bibliográfico foram utilizados capítulos de livros, artigos científicos publicados nos últimos dez anos e jornais publicados em português, acessados por meio das plataformas online Google Acadêmico, Scientific Electronic Library Online (SciELO), de modo a buscar realizar a releitura de estudos existentes a respeito do tema abordado, para assim ser possível formular novas compreensões acerca do foco do estudo. Diante disso, procurando filtrar as obras que fossem voltadas à temática da pesquisa, a busca foi norteada

pelos seguintes descritores: "Papéis sociais", "Gênero", "Saúde Mental", "Pessoa Idosa" e "Etarismo".

A pesquisa qualitativa compreende um processo onde, durante e após a coleta de informações, esses dados são tratados de forma contextualizada, não havendo uma lógica de controle/manipulação experimental, onde o objeto pesquisado é visto sob uma ótica ampliada, uma vez que as fontes são empíricas, o que permite abrir portas para que se pesquise novos conhecimentos sem se restringir a um processo rígido de mensuração, podendo assim abordar/interpretar de forma indutiva os fenômenos subjetivos (Pereira *et al.*, 2018).

Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica torna-se relevante por ser pautada na consulta de documentos científicos, de modo que possibilita a construção de uma compreensão mais ampliada do objeto de estudo mediante o contato com diferentes materiais, o que ajuda a abordar melhor o tema ao contemplar os diferentes conhecimentos produzidos que atravessam o tema trabalhado (Gil, 2018).

## 2.2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.2.1 Estereótipos, preconceitos e envelhecimento

Na vida em sociedade, é necessário aprender sobre muitas coisas e exercitar o uso destes conhecimentos dentro das diferentes espaços e relações cotidiano, nas quais o indivíduo precisa compreender diferentes elementos, figuras, afetos, temáticas, realidades e diversas outras questões que podem precisar ser levadas em conta ao analisar as complicações e desafios existentes, para assim poder organizar estratégias mais assertivas que o ajudem a contornar as problemáticas. Para isso, é necessário que o sujeito tenha bastante conhecimento de mundo que o dê suporte para a realização do manejo desta e de diversas outras esferas de sua vida, além de servir de base para a construção de sua própria identidade (Campos *et al.*, 2021).

Contudo, diante da vastidão do mundo, suas culturas, ideias, modelos de vida, povos, etnias, valores, ancestralidades, especificidades e muito mais aspectos de diversidade que podem ser citados, se torna uma tarefa extremamente complicada ter uma perspectiva ampla e rica a respeito das várias particularidades, elementos, símbolos, dinamismos e organizações presente no mundo, principalmente em vista de crescente especificidade presente nas produções e revisões de conhecimentos, tornando o universo social ainda mais complexo (Pereira, 2019).

É em meio a esse emaranhado de diversidades, que os estereótipos entram em cena. Advindo de uma derivação dos termos gregos “stereos”, que significa *traço*, e “tupos”, que se traduz em *rígido*, podendo ser entendido como a ideia de algo fixo, evidente e demarcado. Tal conceito, é explicado pela psicologia social como uma forma de ter uma noção sobre os elementos do mundo, embora de forma mais rasa, evitando assim que seja necessário um esforço e gasto de energia excessivos para manejar a “sobrecarga de dados”. Um bom exemplo de simplificação, seria destacar alguém pela posição que ocupa dentro de uma equipe, sendo adereçado por seu título profissional (Rodrigues; Assmar; Jablonski, 2012).

Por outro lado, apesar de servir como um suporte no que se refere à aprendizagem e utilização do saberes sobre o mundo e de seus componentes, os estereótipos podem trazer também malefícios dentro do campo social de relações no momento em que, ao sustentarem visões rasas sobre as coisas e pessoas, restringe a imagem do ser àquele determinado “traço rígido” que foi evidenciado. A partir desta delimitação dos perfis, o sujeito é enxergado apenas por aquelas suas características que são apontadas, não sendo validado por nada que fuja disso. Tal lógica, em muitos dos casos, acaba tomando uma via radical, em que a pessoa, além de não ter suas outras características e gostos ignorados, estes chegam a ser questionados por não “condizerem com a imagem daquela pessoa” (Strey *et al.*, 2013).

Ademais, a situação fica ainda mais crítica quando é trazido à tona o fato de existirem “perfis” que, além de sofrerem um reducionismo, são excluídos e marginalizados socialmente. Tal realidade, se deve pela forma com que estas imagens sociais são construídas e disseminadas, uma vez que estes são signos/elementos culturais criados para representarem e classificarem componentes da realidade, os quais são carregados de significados coletivos e individuais/subjetivos, de modo a ocupar um determinado lugar no universo cultural e proporcionar ao sujeito formar uma postura ideológica a respeito do mundo. No entanto, fica a cargo das ideologias dominantes direcionar a forma com que tais ideias sobre a realidade são propagadas, sendo assim a disseminação enviesada pela perspectiva e pelos interesses do público dominante (Lane *et al.*, 1989).

Esta classificação de perfis estereotipados como “bons” ou “ruins” segue uma lógica baseada nas normas e valores sustentados pela ótica das ideologias dominantes, assim como a influência do modelo do binarismo estrutural, o qual sustenta a visão cartesiana de dividir os elementos e figuras do mundo entre dois “polos”, como “0 ou 1” sem que sejam consideradas as diversas intersecções existentes entre esses extremos e as várias formas de diversidade (Lapolli, 2022).



Nesse momento, se destaca então a parcialidade que está por trás da construção dos estereótipos, uma vez que ajudam a conter os diversos perfis humanos dentro de um escopo que possa ser alinhado pelos padrões sociais vigentes (Campos *et al.*, 2021). É possível ver essa segregação e delimitação cotidianamente, onde o indivíduo se encontra sob pressão constante para que atenda as expectativas dos grupos que frequenta, sejam estes sua família, amigos, igreja, trabalho, atividades de interesse, entre outros (Coling *et al.*, 2024).

Aliás, quando o sujeito acaba não conseguindo gerenciar todas essas demandas sociais que lhe são direcionadas, estas “falhas” podem acabar gerando consequências, o que pode incluir sua exclusão do grupo, podendo ser acompanhada de uma marginalização social, de modo que o indivíduo acabe sendo alvo de preconceitos e discriminações por apresentar traços/características/comportamentos taxados como inapropriados (Wanderley, 2001).

Em vista destas “inapropriações”, estas pessoas que não conseguem se “encaixar” no modelo de padrões sociais são colocadas em posições desfavorecidas, de modo a se tornarem alvo de preconceitos e discriminações, sendo então comum que muitos destes agrupamentos sejam referidos como “minorias”. Apenas um adendo antes que se siga com a presente discussão, “grupos minoritários” ou, como são mais conhecidos, “minorias”, não se referem a pequenos montantes populacionais, mas sim grupos que têm muito menos poder político de visibilidade do que os grupos dominantes (Miguel; Schlosser; Beiras, 2020).

Dentre estes “grupos minoritários” que geralmente são colocados à margem da sociedade, se encontram grupos étnicos, mulheres, diversas expressividades de gênero e sexualidade, universos culturais e o público idoso (Lapolli, 2022). Tais parcelas populacionais, são vítimas de reducionismos (noções rasas e estereotipadas) e violências como homofobia, transfobia, racismo, machismo, feminicídio, xenofobia, preconceitos culturais (ex.: discriminação quanto a costumes, tradições e formas de linguagem que fujam daquilo que é sustentado e praticado pela massa mais influente), além de agressões e outros tipos de opressões contra o público idoso, as quais são englobadas dentro da gerontofobia (Lima, 2023).

No que se diz respeito à gerontofobia, esse reducionismo e repressão parece ser ainda mais intenso, dado que, além da própria segregação que sofrem, os idosos são até mesmo apagados como agentes sociais, sendo assim excluídos do próprio campo de atuação social por serem vistos com a ideia fixa e rasa de que são apenas “corpos mortificados e frágeis” (limitando o indivíduo ao decaimentos das capacidades físicas e cognitivas), que perdem sua voz e poder político dentro do espaço da relações e conflitos de interesses por “não poderem mais produzir” (Silva, 2019). Desse modo, muitas das falas e tentativas de interações sociais

dos idosos são ignoradas, mesmo quando tentam trazer conselhos ricos e/ou repassar seus legados repletos de saberes e experiências valiosas.

É importante destacar essa desvalorização das contribuições oferecidas pelo público idoso, pois mesmo que nessa fase da vida o sujeito geralmente apresente certas limitações, complicações de saúde e a gradativa perda de certas capacidades físicas (como por exemplo a diminuição da acuidade visual e de sua sensibilidade tátil apurada, enfraquecimento ósseo e muscular, comprometimento motor, redução da plasticidade neuronal, restrições alimentares, entre outros) — devido ao desgaste do organismo e as quedas na taxa de multiplicação/renovação das células do corpo —, é necessário olhar o “outro lado da moeda” (Papalia; Feldman, 2013).

No que se refere ao potencial da pessoa idosa, além do extenso repertório de saberes e experiências (o que os caracteriza como “guardiões de saberes”), a pessoa idosa também pode reter um certo nível de resistência física. Além disso, também é possível que esse sujeito, mesmo tendo dificuldade para formar novos conhecimentos mediante a diminuição de sua plasticidade neuronal, consiga apresentar um bom desempenho em suas atividades e afazeres, se utilizando de sua memória cristalizada (conhecimentos prévios) que orientem e facilitem sua execução. A partir disso, se evidencia então a fase adulta avançada como mais um período de transformação, sendo muito mais do que apenas um período que vem marcar “o início do fim” (Berger, 2013).

Por outro lado, em contraste com a exclusão que o público idoso infelizmente ainda tende a sofrer, quando a pessoa idosa está em condições de trazer contribuições econômicas para a sociedade, esta é distanciada de seu perfil enquanto idoso(a), chegando muitas vezes a não ser reconhecido como tal, o que aponta para a resistência da sociedade em rejeitar a ideia da velhice, questão essa que pode ser evidenciada pela constante tentativa de retardar e até mesmo congelar/negar o processo de envelhecimento, apesar do mesmo consistir na passagem pelas fases da vida, não apenas às idades avançadas (Souza, 2009).

Além do mais, vale ressaltar que até mesmo quando se refere a questão ao estágio de desenvolvimento biofisiológico do indivíduo, não há de fato um marcador biofisiológico que possa realmente definir a partir de qual ponto o sujeito se torna um “velho”. Tal discussão científica sobre a ideia de uma idade biológica ainda não encontrou um fator válido e fidedigno que determine linha fixa para o início e o ritmo de andamento do processo de envelhecimento, uma vez que essas transformações e declínios biofisiológicas são resultados de fatores e variáveis que vão muito mais além do que apenas questões filogenéticas (Freitas, 2018).

Esta questão de um compasso de envelhecimento indeterminado pode ser observada ao analisar as concepções a respeito das mudanças orgânicas e do decaimento biofisiológico, as quais abordam a ideia de dois andamentos envelhecimento concomitantes, um primário (transformações universais determinadas por questões genéticas da espécie) e um secundário (questões mais específicas como hereditariedade, fatores ambientais, cuidados com a saúde e estilo de vida, as quais que podem afetar a qualidade do processo de envelhecimento). Por meio destes conceitos científicos, se torna evidente como cada jornada é única e pessoal, sem que siga um modelo ou ritmo fixos (Papalia; Feldman, 2013).

Ao mergulhar um pouco nesse tópico de variabilidade do processo de envelhecimento, Berger (2013) apresenta diferentes perfis de idosos como Idosos jovens, Idosos velhos e Idosos mais velhos. Tais perfis, se remetem respectivamente a pessoas idosas que apresentam condições biofisiológicas favoráveis uma vida mais ativa e independente, sendo o segundo grupo composto por idosos que apresentem complicações de saúde e/ou déficit(a) que configurem um fator limitante em sua vida, finalizando a descrição ao destacar os idosos que se encontrem em condições de desgaste/declínio de funções do organismo e debilidade a ponto de precisarem de depender do auxílio de terceiros.

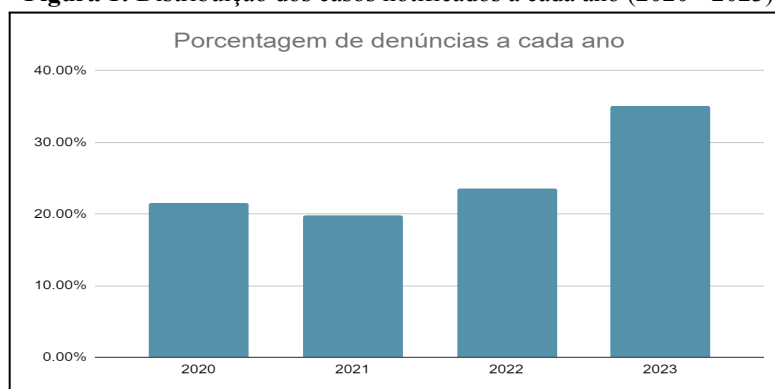
Tendo isso em mente, se torna evidente que não há um limite fixo para a idade funcional do indivíduo, visto que as diferenças quanto às condições de saúde e funcionamento do organismo de cada um dos grupos de idosos apresentados não é uma questão determinada pela idade e nem sinais universais da velhice, podendo assim haver pessoas com idade avançada que tenham plenas condições de adotar um estilo de vida mais ativo e funcional caso desejem (Freitas, 2018).

Porém, mesmo com toda a contribuição trazida pelos estudos científicos a respeito dessa variabilidade, a sociedade ainda assim apresenta um posicionamento complicado e até mesmo excludente em relação à velhice, o que se destaca por sua marca etarista que permeia o seu universo cultural (Pimentel *et al*, 2022). Seguindo essa lógica, é possível então colocar em pauta a exclusão sofrida pelo público idosa, a qual passa a configurar então um cenário que é apresentado por Sawaia (2001) como uma exclusão por desqualificação, onde a pessoa é distanciada do meio por não apresentar as “qualificações” necessárias para atender aos padrões de perfil do grupo, como por exemplo ter baixo poder econômico e não poder contribuir para o grupo, sendo essa uma ideia erroneamente generalizada sobre a pessoa idosa.

Uma forma de exemplificar esta questão, pode ser feita pela observação dos casos onde o sujeito idoso, mesmo apresentando boas condições de saúde e poder econômico estável para realizar desejos pessoais e se aventurar na vida, acaba sendo barrado socialmente

quando estas metas requerem um comportamento/postura e hábitos que “não correspondem aos hábitos de um idoso”, seja ter novos relacionamentos após a morte do(a) companheiro(a), explorar melhor sua sexualidade, fazer uma faculdade, querer sair para se divertir sozinho(a), fazer “coisas de jovem”, entre outros casos (Fonseca, 2021).

**Figura 1:** Distribuição dos casos notificados a cada ano (2020 - 2023)



Fonte: Agência Brasil, 2023. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-06/pais-registra-50-mil-casos-a-mais-de-violencia-contras-idosos-em-2023#>

Tal realidade retrata uma violência simbólica contra a pessoa idosa, valendo ressaltar também pesquisas que destacam a ocorrência de casos de agressão física contra o público idoso no Brasil. Os dados na Figura 1 representam a porcentagem de denúncias realizadas de casos de violência física contra idosos no intervalo de tempo de 2020 - 2023, as quais somam um total de 408.395 mil. Ademais, dentro desta mesma pesquisa, foi constatado que 67% deste total de denúncias correspondem a casos de violências sofridas por mulheres idosas, de acordo com a Agência Brasil (2023). No entanto, apesar desse aumento por si só já representar um alerta para com a segurança e integridade da pessoa idosa, é importante lembrar que estes são apenas os casos notificados, podendo ainda haver muitos outros que continuam velados.

Além disso, é imprescindível salientar que esta é apenas um exemplo de atitudes etaristas, as quais podem incluir, além de violências simbólicas, exclusões e distanciamentos sociais que podem ser tanto denotados como sutis, uma vez que esse isolamento pode configurar uma violação dos direitos da pessoa idosa (Freitas, 2018). Ainda no que se diz respeito a gerontofobia, para que se possa compreender ainda mais a gravidade que envolve essas atitudes gerontofóbicas, é necessário compreender que, além do estereótipo, é preciso que se crie uma carga de afeto que motive a realização de uma atitude discriminatória. Logo, é possível ter uma ideia do impacto social trazido pelas ideias preconceituosas que são

difundidas sobre as pessoas idosas e pela forma com que a sociedade as trata, chegando a ponto de estimular o surgimento de afetos negativos em relação a esse público (Rodrigues; Assmar; Jablonski, 2012).

### **2.2.2 Papéis sociais, desigualdade de gênero e etarismo**

Apesar de já ter sido feito um esclarecimento sobre os estereótipos e preconceitos, além de abordá-los na esfera da pessoa idosa, é preciso ainda compreender que estes não são os únicos artifícios usados pela sociedade para distinguir e organizar os indivíduos. Embora os estereótipos, mesmo com suas complicações e marcados por estigmas, sejam usados para se ter uma noção prévia sobre um determinado grupo e perfil de indivíduo, até mesmo dentro destes agrupamento há distinções quanto aos membros que o compõem, seja com relação a características individuais como aos papéis e funções desempenhadas por cada um (Robbins; Judge; Sobral, 2008).

A partir destas funções realizadas e pela forma com que o sujeito se utiliza de suas habilidades ao desempenhá-las, o sujeito é então imbuído de um status dentro do grupo, o qual se remete ao reconhecimento recebido por sua contribuição e/ou destaque dentre os outros membros (Robbins; Judge; Sobral, 2008). Apesar de serem pontos importantes no processo de criação, sustentação e organização, estes não se mantêm de forma perpétua e imutável, uma vez que é preciso que ocorram adaptações e modificações na estrutura do grupo, para assim alcançar manutenções que promovam a continuação do grupo. Tais mudanças, podendo incluir desde alterações nos papéis de cada membro como também momentos de saída de membros e entrada de novos, pontos que impactam diretamente na dinâmica relacional do grupo (Burd; Filho, 2004).

Entretanto, antes que a discussão do tema continue, é importante lembrar que, embora a ideia de grupos tenha sido apresentada inicialmente como massas populacionais de indivíduos que apresentam traços socialmente marcantes em comum — de modo a demarcar a identidade social de determinada coletividade —, os grupos também podem ser formados de forma natural e espontânea, onde os membros não precisam ser de uma mesma etnia, gênero, orientação sexual ou faixa etária. Desse modo, surgem então agrupamentos cuja identidade é diversificada (Robbins; Judge; Sobral, 2008).

Logo, seguindo essa linha de pensamento, um mesmo indivíduo pode participar ativamente como membro de diferentes grupos simultaneamente. No entanto, esse campo de possibilidade pode se encontrar limitado. Esta limitação, se relaciona diretamente com aquilo

que é esperado do indivíduo que desempenha determinado papel social, expectativas estas que não se limitam apenas ao contexto interno grupal, dado que os papéis sociais são um conceito difundido em toda a sociedade, permeando as mais diversas relações existentes. A partir disso, o indivíduo se encontra pressionado a lidar com as expectativas que lhe são direcionadas por parte dos diferentes grupos em que está inserido (Robbins; Judge; Sobral, 2008). Ou seja, mesmo participando de diferentes grupos, o seu leque de opções pode ser restringido tanto por obstáculos trazidos pelos estigmas presentes nos estereótipos (Santos, 2018).

Por meio disso, podem ser suscitados preconceitos que acabem por limitar consideravelmente as opções de grupos aos quais o sujeito poderá de fato se juntar, podendo haver grupos não que aceitem sua entrada, além dos empecilhos resultantes das próprias demandas sociais e familiares que pressionam o sujeito a seguir aquilo que esperam dele, de modo a manter suas escolhas que apresentem uma certa sintonia entre si, fazendo com que as expectativas da sociedade não sejam confrontadas/questionadas. Ademais, junto desse controle restritivo, o indivíduo, quando consegue burlá-lo, acaba sofrendo fortes questionamentos e diferentes tipos de violência, o que reforça ainda mais o peso das demandas e expectativas sociais, visto que o sujeito passa a ser excluído/discriminado quando não segue aquilo que esperam dele (Wanderley, 2001).

Outrossim, mesmo fazendo parte de um grupo, há muitas vezes a necessidade de apresentar um perfil que se alinhe o máximo possível a identidade do grupo e “vestir a camisa”, para que assim o sujeito seja reconhecido socialmente como pertencente ao seu grupo social, situação que é bem ilustrada por Lapolli (2022) em seu livro “DIVERSIDADES: o BÊ-Á-BÁ para a compreensão das diferenças”, onde apresenta um exemplo de situação em que um pastor evangélico acaba sendo confundido com um “muçulmano”.

Na situação citada acima, há a exemplificação de uma confusão entre uma ideia prévia e a real identidade do sujeito, tomando como princípio traços da aparência do indivíduo. Entretanto, embora a ideia dos papéis sociais tenha sido trabalhada inicialmente como funções específicas de cada membro, estes também dão abertura para o levantamento de ideias prévias a respeito do sujeito ao tomar como base o papel que este exerce, dado que a realização de tais funções serve como via de interação com os outros membros do grupo, possibilitando ao indivíduo ganhar reconhecimento e uma posição de relevância (status), o que vem acompanhado do depósito de expectativas ligadas ao desempenho deste papel (Robbins; Judge; Sobral, 2008). No entanto, vale ressaltar que tanto a distribuição de papéis como o

reconhecimento dado a cada membro não necessariamente é levantado e depositado de forma igualitária e equivalente à contribuição de cada membro, inconsistência essa que se pauta em estereótipos e preconceitos ligados ao perfil social da pessoa (Santos, 2018).

Com base nisso, se evidencia então a limitação que os estigmas sociais causam até mesmo dentro dos grupos em que o indivíduo faz parte, limitando sua participação, como também, conseqüentemente, a sua relevância e poder de opinar dentro dos processos de decisão do grupo. Tal situação, pode ser muito bem exemplificada pelos diversos contextos nos quais as mulheres se encontram em uma situação limitante e/ou desfavorecida. Infelizmente, ainda é bastante comum encontrar mulheres que tenham vidas limitadas e fortemente regradadas dentro da dinâmica de sua estrutura familiar, tendo suas vidas, muitas vezes, restritas ao lar e às tarefas domésticas que realiza (Canabarro; Salvagni, 2015).

No caso do público feminino, essa repressão tem como ponto de partida a influência da lógica machista e patriarcal que ainda permeia fortemente o campo cultural e ideológico até os dias atuais. Tal lógica, coloca o homem como detentor do poder dentro do núcleo familiar, tendo este assim um poder de decisão e autoridade que podem chegar a representar uma posição de poderio absoluto e inquestionável, restando para a mulher ocupar um lugar de submissão e servidão, acatando as ordens daquele que detém o poder e atendendo a todos os seus desejos e caprichos (Honnef *et al.*, 2017).

A ideia da imagem da mulher ligada às atividades do lar e como uma figura cuidadora ainda se encontra muito presente nas entrelinhas culturais da sociedade, ponto esse que pode ser observado pela resistência de espaços profissionais, que até pouco tempo eram ocupados unicamente por homens, em receber o público feminino, postura esta que é ilustrada pela remuneração e reconhecimento recebidos, os quais são menores que os que são ganhos pelos homens, desigualdade essa que se sustenta apesar das mulheres desempenharem os mesmos papéis e funções, ou até mais, que um homem no meio profissional (Thibes; Nicoletti, 2017).

Em vista disso, o público feminino, ao não receber o devido reconhecimento/status e até mesmo terem sua emancipação dificultada, conseqüentemente têm sua voz e poder de decisão reduzidos, podendo serem até mesmo invisibilizadas dentro destes espaços (Pereira; Lima, 2017). Ou seja, além de precisarem romper diversas barreiras para conseguir alcançar uma posição profissional “masculina”, estas são desencorajadas e até ignoradas dentro da própria dinâmica destes espaços profissionais, carga essa que geralmente é multiplicada em vista da segunda jornada de trabalho que enfrenta ao chegar em casa, tendo que realizar diversas tarefas domésticas, podendo se somar ao exercício dos cuidados maternos nos casos em que a mulher tem filhos (Santos; Azevedo; Souza, 2021).

Esse local de figura cuidadora continua sendo uma ideia muito enraizada no modelo de configuração das relações sociais, uma vez que tal limitação e desencorajamento não se encontram apenas nos espaços profissionais, sendo questões, como foi abordado anteriormente, muito presentes também no espaço intrafamiliar (Canabarro; Salvagni; 2015).

Ao observar essa realidade, se torna evidente a busca da sociedade em definir uma demarcação clara dos papéis sociais desempenhados, onde é possível notar indícios de uma cobrança por uma expressão identitária resumida e restrita, em que o indivíduo precisa se limitar apenas seu “eu” é visto apenas a partir do papel que exerce (Lima *et al.*, 2017). Desse modo, o indivíduo é forçado a “se decidir”, tendo novamente que escolher por algo que o “defina” e se reduzir a apenas uma parte ínfima da amplitude e complexidade do seu ser, o que evidencia novamente a influência do binarismo estrutural (Ulysséa, 2023).

Determinado ponto pode ser observado não apenas na restrição das opções de posições que busque ocupar em diferentes grupos, mas também por meio das imposições implícitas em relação à vida da mulher a partir da maternidade. Ao se tornar mãe, há muitas transformações tanto físicas como sociais, as quais englobam as exigências da sociedade levantadas sobre o exercício do papel da mulher como mãe, demandas estas que não só restringem o leque de rotas que a mulher pode escolher para direcionar sua vida, de modo a manter tais projetos de vida da forma mais alinhada possível com as ideias que são pregadas socialmente, como também delimitam a expressividade da mulher, mesmo que esta não tais aspectos não fujam daquilo que é difundido socialmente a respeito da feminilidade (Farias, 2021).

Um bom exemplo, é o modo como o lugar de mãe invisibiliza consideravelmente a individualidade da mulher, fazendo com que atividades de lazer e autocuidado sejam desencorajadas e até mesmo julgadas implicitamente por demandarem que esta atue como uma cuidadora integral do lar e da família, embora tais hábitos de autocuidado não destoem da ideia da sociedade a respeito do perfil feminino (Santos; Azevedo; Souza, 2021).

Esta fixação da posição da mulher ao papel de cuidadora geralmente ainda se mantém até mesmo durante sua velhice, onde, mesmo após a independência dos filhos, continua a se dedicar ao cuidado da casa e do marido, havendo momentos em que também presta suporte aos filhos no gerenciamento e cuidado familiar. Porém, mesmo com o passar dos anos, a pressão social que a mulher sofre para se manter como essa figura de cuidado, se doando para os outros, costuma continuar mesmo nessa fase da vida. Esta situação pode ser observada nos momentos em que a idosa é intensamente questionada ou se sente culpada por querer cuidar dos netos pois quer passear com amigas ou fazer alguma atividade de lazer que não faça parte daquilo que se espera de uma “vovó” (Cabo, 2023).



Tal configuração, parece se somar a invisibilização social sofrida pelo público idoso, o que pode ser ilustrado pela forma com que muitos destes desejos “excêntricos” são recebidos pela sociedade (Fonseca, 2021). É comum encontrar cenários que são usadas “justificativas” como “você não tem mais idade para isso” ou “talvez já esteja um pouco tarde para isso”, ou indagações, como “por que agora?” “não acha que é melhor deixar isso pros jovens?”, para refutarem tais vontades e tentar convencer estas mulheres idosas a “esquecer” essas vontades (Oliveira; Ferreira; Querino, 2024).

Ademais, no que se refere à procura de novos relacionamentos, há situações muito recorrentes em própria família costuma “adverti-las” por falas como a de que “é perigoso”, ou que “essa pessoa vai se aproveitar de você” ou até mesmo que “não tem pra quê procurar dor de cabeça nessa idade”. Por meio de toda essa exemplificação, é possível mais uma vez identificar a influência da cultura etarista na forma com que se enxerga o que é trazido pela mulher idosa, concebendo-a como um ser frágil, assexuado e indefeso, sem condições de cuidar de si mesmo (Pimentel *et al*, 2022).

### **2.2.3 Preconceitos e estereótipos *versus* saúde mental da mulher idosa**

Após toda essa análise e discorrimento a respeito dos fatores e elementos sociais que se apresentam dentro da configuração das relações tidas pela mulher idosa, é importante também buscar compreender a forma com que toda essa configuração afeta a saúde mental da parcela feminina do público idoso, assim como que local é reservado para o seu o bem estar.

Seguindo os pontos trabalhados nos tópicos anterior, as expectativas sociais ocupam um lugar de muita importância na trajetória de vida do sujeito, as quais podem facilitar ou dificultar significativamente o seguimento das rotas selecionadas, abertura essa que se relaciona diretamente com a forma com que as escolhas feitas correspondem/atendem ou não a essas demandas da sociedade (Coling *et al.*, 2024). No caso da parcela populacional feminina, estas mulheres são sujeitadas a diversas imposições mediante ao sistema social marcado pela desigualdade de gênero, forçando-as a se adaptarem a condições e modelos de vida restritivos (Canabarro; Salvagni, 2015).

Ao pensar nisso, podem começar a ser evidenciados os sacrifícios e esforços constantes que são realizados na busca de se adequar a um perfil que proporciona alcançar uma posição mais favorável para se viver, mas que não refletem apenas em mudanças e adequações, uma vez que tais processos requerem também a repressão de partes de si que não cabem na métrica social demarcada. Contudo, além de levantar essa auto-repressão, é preciso

sustentá-la, o que necessita de um grande esforço afetivo e psíquico em abdicar de desejos e vontades, podendo chegar a inviabilizar profundamente parcelas do próprio Eu (Mandela, 2006).

Entretanto, o preço pago na tentativa de atender às expectativas e demandas da sociedade vai muito além desse desgaste. Porém, antes de tais complicações serem discutidas, é importante olhar para o que as transformações biofisiológicas trazem na vida da mulher idosa. No caso da mulher, como discutido anteriormente, sua trajetória social é fortemente marcada pela ideia de “figura cuidadora”, a qual é reforçada ao ter filhos, fazendo com que ainda mais partes de seu eu sejam invisibilizadas em prol do desempenho integral e com excelência dessa função, sob a pressão de ser uma “ótima mãe” diminuindo o seu espaço e tempo para ser mulher, posição por si só já sofre repressões (Paiva, 2019).

Esse status de cuidadora continua a acompanhar a mulher até mesmo durante a fase adulta avançada, ou popularmente “velhice”, o que pode ser expresso pelo cenário comumente presenciado em que a idosa cuida de seu marido e da casa, chegando a dar suportes pontuais aos filhos, mesmo estes já sendo independentes. No entanto, pode chegar algum momento em que, seja em vista a complicações de saúde e limitações biofisiológicas ou por decisão familiar, a idosa é retirada de sua posição de cuidadora (Siqueira *et al*, 2024).

Apesar do que pode parecer, essa mudança não é algo simples e fácil de enfrentar. Essa dificuldade em abrir mão desse papel/posição, apesar de lhe desgastar, se relaciona diretamente com a intensa desequilíbrio/desnorreamento interno. Essa confusão se dá pela perda do posto que foi imposta a ela e esta teve de se espremer/apagar para fazer toda a sua vida caber nesse molde (Oliveira; Macedo, 2014).

Tal processo de perda de papel/posição é trabalhado por Cumming e Henry (1961 *apud* Papalia; Feldman, p. 612, 2013), “Teoria do desengajamento”, o que consiste no processo do indivíduo em gradativamente deixar de exercer papéis sociais (atividades laborais, sua posição e funções dentro da estrutura familiar). A partir dessa perspectiva, o processo de desengajamento pode ser adocedor a depender da forma como ocorre e é manejado, dado que, todos os meios/vias, que o sujeito veio (re)construindo e utilizando durante toda a sua vida para se orientar e situar dentro do campo de relações do mundo social (Strey, 2013).

Outrossim, mesmo com a saída da mulher idosa da posição de cuidadora, essa mudança não necessariamente significa uma abertura para novas possibilidades de vida, uma vez que sua família e círculo social podem ter uma postura resistente perante rotas que fujam daquilo que se espera de uma mulher idosa. Além disso, quando a idosa é deposta como

figura de cuidado, infelizmente é comum que chegue a ter sua autonomia questionada e não se dá espaço para o explorar de outras rotas por “não haver necessidade de percorrê-las”, configuração essa que apresenta a forte marca da gerontofobia ao conceber a pessoa idosa como um ser invisível cujo corpo é enrijecido e “fora da validade” (Oliveira; Ferreira; Querino, 2024).

Ademais, mesmo quando há a possibilidade da mulher idosa explorar outros campos de sua vida que haviam sido “esquecidos”, o curso destas tentativas pode apresentar complicações devido a mais um dos “efeitos colaterais” advindos da auto-repressão. Esse prejuízo, se dá pelo fato de que, para sustentar os mecanismos de inibição, há um distanciamento das ideias que foram reprimidas, para que assim a pessoa não sofra de abstinência daquilo que foi abdicado por não caber na fôrma. A partir disso, o sujeito pode chegar a não mais reconhecer seus gostos e vontades que foram deixados de lado, caracterizando assim um apagamento de partes do Eu (Freud [1926], 2014).

Logo, mesmo sendo muito importante haver uma abertura para que a mulher idosa possa explorar novas experiências — e assim (re)descobrir desejos e vontades tanto antigas quanto novas —, fica evidente que esse processo requer muito mais do que uma oportunidade ou mudança arbitrária, dado que compreende uma intensa reorganização interna junto de uma quebra de mandos sociais limitantes que se enraizaram profundamente na mente destas mulheres, o que pode causar uma forte desestabilização e confusão em vista de precisar se adaptar a uma nova configuração sem mais ter aquela “base anterior” em que possa se situar (Schffer, 2022).

Seguindo essa ideia, um exemplo em que isso pode ser ilustrado é o processo de redescobrimto da feminilidade durante a adultez avançada, aspecto esse que foi sendo afastado de sua identidade à medida que a sociedade enxergava seu envelhecimento como uma “perda dos traços de mulher”, o que novamente destaca a marca etarista na cultura, elucidando o perfil feminino a partir do “prolongamento da juventude” enquanto que se rejeita a velhice (Salinet *et al.*, 2018).

Após esse rápido aprofundamento a respeito da complexidade e dos desafios vividos durante essa fase da vida, focando principalmente no processo de envelhecimento feminino, fica ainda mais nítida a importância e necessidade de haver algum tipo rede de apoio com quem a pessoa idosa possa contar enquanto atravessa esta fase de despedidas (tanto de pessoas próximas, como de um pouco de si mesmo/sua vida). Todavia, é imprescindível compreender que, apesar de ser um período da vida que pode estar muito próximo do fim do ciclo vital, não significa que ocorrem apenas términos e fechamentos, uma

vez que ainda podem haver novas formas de aproveitar a vida e ressignificar a jornada (Azevedo *et al*, 2018).

Entretanto, até mesmo com relação a essa expansão de horizontes, levando em conta o que foi trabalhado acima, é preciso compreender o quão desafiante isso pode ser para a mulher idosa, buscando assim estimulá-la a se (re)descobrir mas sem esquecer de respeitar seu ritmo e seus limites, além de se atentar para a importância de determinados vínculos para ela, visto que pessoa idosa também faz certas “podas” em seus laços sociais, passando a analisá-los de forma mais criteriosa, optando por manter aqueles em que tem confiança e, geralmente, as relações mais antigas (Papalia; Feldman, 2013).

Com isso, os familiares próximos tende a entrar como figuras de grande importância, visto que costumam exercer papéis e ocuparem lugares que, dentro das relações sociais da pessoa idosa, acabam norteando parte da identidade da mesma, como apresentam Papalia e Felman (2013) ao discorrerem sobre o valor simbólico do relacionamento entre irmãos durante a fase adulta avançada. Seguindo essa linha de pensamento, é importante então evitar/desconstruir relações marcadas por violências simbólicas como nos casos em que se apresentam fronteiras rígidas (onde não há abertura para trocas, diálogos ou parcerias entre os familiares, havendo assim um distanciamento emocional) e difusas (onde não há espaço para a separação do que diz respeito a cada um dos membros do grupo/família, havendo intensa intromissão e enfraquecimento da autonomia), de modo a se manter próximo e envolvido na vida da idosa enquanto a privacidade e a autonomia dela são preservadas (Wagner *et al*, 2011).

Aliás, além do suporte familiar, um dos comportamentos mais comuns demonstrados pela pessoa idosa, o qual já tende a ser socialmente associado a sua imagem, é o engajamento em atividades de sua comunidade religiosa. Tal participação da pessoa idosa, respeitando suas próprias limitações físicas, entra como um exemplo de manejo emocional proativo. Por meio deste envolvimento familiar e/ou atuação nas ações da comunidade religiosa, a mulher idosa pode (re)construir/fortalecer relações e vínculos que configurem um nível de apoio social, o que pode estimulá-la a desenvolver hábitos saudáveis e influenciar positivamente em seu processo de reavaliação de vida. Entretanto, não se limitando apenas a essa via de envolvimento religioso, visto que a mulher não quer adotar/incluir essa estratégia em seu leque de possibilidades. Dessa forma, esta mulher poderá ter melhores condições de enxergar e (re)atribuir significados a sua vida, podendo assim lhe promover uma maior auto-satisfação (Berger, 2013).

Além disso, o campo prático da psicologia também pode trazer contribuições significativas para esse processo, acolhendo e estimulando essa mulher idosa a explorar outras possibilidades de vida e se redescobrir. Para isso, os profissionais da psicologia podem realizar um suporte psicoterápico individual e/ou organizar atividades/momentos coletivos direcionados ao público idoso, lançando mão de diversos recursos e intervenções como por exemplo a criação e mediação de grupos que contemplem rodas de conversa que proporcionem espaços de escuta onde os idosos possam contar suas histórias de vida, além de jogos e brincadeiras que ajudem a mulher idosa a se sentir mais acolhida e confortável para participar, a sua maneira, dentro destes grupos (Molin *et al.*, 2024). No entanto, não se pode esquecer da importância de incluir o envolvimento familiar, dada a relevância destes vínculos na vida desta mulher (Dezan, 2015).

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir do que foi trabalhado, foi possível compreender a construção e o uso dos estereótipos, enxergando as duas faces dessa moeda, de modo a evidenciar os prejuízos que estes, quando servem de base para o levantamento de preconceitos, podem trazer a vida de indivíduos que são alvos de tais taxações e prejulgamentos, sofrendo violências e marginalizações, além de ter suas possibilidades de vida restringidas.

Embora tenha sido feita uma delimitação do foco ao se atentar a forma como a qualidade de vida e saúde mental são afetadas por estas questões, não conseguindo abordar a amplitude dessa realidade social nos vários contextos que são atravessados por esses fatores, foi possível compreender um pouco melhor a complexidade e os desafios do processo de envelhecimento e da vida feminina. Para isso, durante a discussão, foram rompidos paradigmas sociais adoecedores e ampliando horizontes para que se pudesse enxergar essa existência além do que é espremido nos moldes impostos pela sociedade, direcionando assim o olhar para o “resto” que é invisibilizado.

Por meio disso, foi possível descortinar algumas das violências sofridas durante por estas mulheres durante sua luta por um mínimo de espaço no campo de relações sociais, iniquidades e sacrifícios estes que infelizmente são normalizados, sem esquecer da forma com que essa figura cuidadora, após doar tanto de sua vida para cuidar de sua família, é jogada para escanteio pela sociedade ao atingir uma idade avançada, o que acaba destacando a presença da influência de ideias e discursos etaristas.

Ademais, pôde ser abordada a dificuldade em romper com essa realidade limitante e se adaptar a uma nova configuração fora desse arranjo prejudicial, além de levantar a importância de uma rede apoio que configure relações protetivas e saudáveis para a mulher idosa, onde a estimulam a se (re)descobrir enquanto também respeitam seu ritmo e limites, além de destacar as contribuições ofertadas pelo campo prático da psicologia.

Por fim, apesar do dentro de discussão do presente artigo estar voltado a vida da mulher idosa diante dos ônus enfrentados dentro do modelo vigente de vida em sociedade, esse tema está longe de ser esgotado, sendo assim necessário que hajam ainda mais pesquisas e uma olhar cada vez mais aprofundado a respeito do universo feminino e do processo de envelhecimento, de modo a não se limitar a ideias rasas e possivelmente errôneas ao mesmo tempo que se busca compreender melhor estes aspectos dentro da realidade brasileira.

## REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA BRASIL.** País registra 50 mil casos a mais de violência contra idosos em 2023. Agência Brasil, 20 jun. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.abc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-06/pais-registra-50-mil-casos-a-mais-de-violencia-contraidosos-em-2023#>. Acesso em: 17 set. 2024.
- AZEVEDO, A. C. M. de. *et al.* **Integridade x Desespero:** o olhar da teoria psicossocial para a realidade subjetiva de idosos institucionalizados. Anais III CONBRACIS. Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/41147>. Acesso em: 26 de out. 2024.
- BERGER, K. S. **O desenvolvimento da pessoa da infância à terceira idade.** 5 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2013.
- BURD, M.; FILHO, J. de M. (Org). **Doença e Família.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- CABO, A. de. Os avós que não querem ser explorados: 'Cuidar dos netos ocasionalmente é diferente de virar cuidador principal'. **BBC News**, 24 de out. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c72qynyn5n1o>. Acesso em: 28 de out. 2024.
- CAMPOS, L. A. M. *et al.* O que são estereótipos. **Ciência Atual–Revista Científica Multidisciplinar do Centro Universitário São José**, v. 17, n. 2, 2021.
- CANABARRO, J. R. dos S.; SALVAGNI, J. Mulheres líderes: as desigualdades de gênero, carreira e família nas organizações de trabalho. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 6, n. 2, p. 88-110, 2015.
- COLING, A. *et al.* Autoestima e adolescência: pressão social, cultural, autoimagem e desenvolvimento na percepção de sete adolescentes. **Anais de Psicologia**, v. 2, n. 1, p. 26-38, 2024.

DEZAN, Stéfani Zanovello. O envelhecimento na contemporaneidade: reflexões sobre o cuidado em uma instituição de longa permanência para idosos. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 14, n. 2, p. 28-42, jul. 2015.

FARIAS, A. A. N. **“Nada é natural na natureza”**: a construção narrativa do sujeito-mãe na literatura brasileira contemporânea escrita por mulheres. [Doutorado em História da Literatura] – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2021.

FREITAS, E. V. *et al.* Estudo da velhice: Histórico, Definição do campo e Termos Básico In. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2018.

FREUD, S. **Inibição, sintoma e angústia** (1926). In. Obras Completas [tradução Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, vol. 17, p. 9- 98.

FONSECA, J. A. L. **Sexualidade e os estereótipos na velhice: um grupo psicoeducativo na UMA/UFT**. Monografia (Bacharelado em Psicologia) – Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA), Palmas, 2021.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

HONNEF, F. *et al.* Representações sociais da violência doméstica em cenários rurais para mulheres e homens. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 30, n. 4, p. 368-374, 2017.

LANE, S. *et al.* **Psicologia social: o homem em movimento**. 8. ed. BRASIL: Brasiliense, 1989.

LAPOLLI, É. M. **Diversidades: o bê-á-bá para a compreensão das diferenças**. Conselho editorial Áureo dos Santos ... [et al.]. 1. ed. Florianópolis: Pandion, 2022.

LIMA, F. I. A. de *et al.* A influência da construção de papéis sociais de gênero na escolha profissional. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, v. 19, n. 1, p. 33-50, 2017.

LIMA, M. E. O. Preconceito. In: **Psicologia social: Temas e teorias**. Blucher Open Access, p. 405-444, 2023.

MANDELA, N. Preconceitos raciais, sexuais e desigualdade social na sociedade brasileira. **Desigualdade e diferença na universidade: gênero, etnia e**, p. 105-112, 2006.

MIGUEL, S. S.; SCHLÖSSER, A.; BEIRAS, A. Revisão sistemática da literatura brasileira sobre representatividade de minorias políticas. **Cadernos de Psicologia**, v. 22, n. 1, p. e1526-e1526, 2020.

MOLIN, E. D. *et al.* O PROCESSO DE CUIDADO AO IDOSO: Proposta de intervenção a partir das experiências do estágio de psicologia. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 9, p. 2242-2255, 2024.

OLIVEIRA, P. de.; MACEDO, L. de. Interação, Adaptação e Evolução: A Dialética da vida e do conhecimento de Jean Piaget. **Schème: Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**, v. 6, p. 194-207, 2014.

OLIVEIRA, A. L. N. de; CORREIA, A. M. da S.; QUERINO, A. C. MULHERES IDOSAS NO BRASIL: ENTRE A INVISIBILIDADE E A LUTA POR SEUS DIREITOS. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 10, p. 2339-2352, 2024.

PAIVA, A. C. A. A fragilidade na estrutura familiar e seus impactos no desenvolvimento psicossocial infanto-juvenil. **Rev. Pret [Internet]. [acessado em 22 Out 2024]**, v. 4, n. 7, p. 237-249, 2019.

PAPALIA, D. E., FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 12 ed. Porto Alegre: Artmed, 2013. (cap. 18 e 19)

PEREIRA, M. E. Estereótipos na publicidade: como a psicologia social pode nos ajudar a identificá-los e evitá-los. In. LEITE, F.; BATISTA, L. L. (Org.) **Publicidade antirracista: reflexões, caminhos e desafios**, p. 87-110, 2019.

PEREIRA, A. M. L.; LIMA, L. D. dos S. C.. A desvalorização da mulher no mercado de trabalho. **Revista Eletrônica Organizações e Sociedade**, v. 6, n. 5, p. 133-148, 2017.

PEREIRA, A. S. *et al.* **Metodologia da pesquisa científica** [recurso eletrônico]. Santa Maria, RS: UFSM, NTE, 2018.

PIMENTEL, P. C. *et al.* **Relação amorosa na terceira idade**. Tese de Doutorado. Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. 2022.

ROBBINS, S. P; JUDGE. T. A.; SOBRAL, F. **Comportamento organizacional**. 14. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

RODRIGUES, A.; ASSMAR, E.; JABLONSKI, B. **Psicologia Social**. 29a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SALINET, A. **A mulher idosa no contexto da institucionalização: autoimagem, autoestima, beleza e cuidado na velhice**. Dissertação (Mestrado em Envelhecimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano, Faculdade de Educação Física e Fisioterapia, Universidade de Passo Fundo, 2018.

SANTOS, C. M.; AZEVEDO, A. P. de; SOUZA, É. L. A Mulher em tripla jornada: Discussão sobre a divisão das tarefas em relação ao companheiro. **Revista Gestão & Conexões**, v. 10, n. 2, p. 103-121, 2021.

SANTOS, I. J. **Ameaça do estereótipo em jovens negros na escolha profissional**. 2018. 162 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2018.

SAWAIA, B. *et al.* **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.



SCHFFER, C. C. R. Fundamentos da teoria piagetiana do desenvolvimento cognitivo. **Paidéia: Revista do Curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Humanas, Sociais e da Saúde**, Universidade Fumec, Belo Horizonte, v. 17, n. 27, p. 19-44, jan./jun. 2022.

SIQUEIRA, T. O. de. *et al.* Funcionalidade familiar, sintomas depressivos e envelhecimento: uma revisão narrativa. **Revista Contemporânea**, v. 4, n. 6, 2024.

SILVA, D. A. da.; MENDES, D. F. Da gerontofobia ao envelhecimento consciente e saudável. **Psicologia e Saúde em Debate**, v. 5, n. Suppl. 2, p. 66-66, 2019.

SOUSA, J. K. L. L. de. **Caiu na rede é jovem?: o exercício do protagonismo idoso na internet no Brasil e na Espanha**. 2009. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade de Brasília, Brasília.

STREY, M. N. *et al.* **Psicologia social contemporânea: livro-texto**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

THIBES, A.; NICOLETTI, J. Evolução salarial dos jornalistas de 2005 a 2015: Indicativos de precarização do trabalho. **Anais do 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo-SBPJor**, 2017.

ULYSSEÁ, A. Equidade de gênero, e eu com isso? In: AMATO, Luciano. **Diversidade e inclusão e suas dimensões**: volume 2. São Paulo: Labrador, 2023.

WAGNER, A. *et al.* **Desafios psicossociais da família contemporânea**: pesquisas e reflexões. Porto Alegre: Artmed, 2011.

WANDERLEY, M. B. Refletindo sobre a noção de exclusão. In. SAWAIA, B. *et al.* **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.